

**Narrativas na Cidade em Álbuns Fotográficos:
A Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais¹**

Cristina Maria da Silva

Universidade Federal do Ceará

Francisco Felipe Pinto Braga

Universidade Federal do Ceará

Palavras-chave: Narrativas; Fotografia; Cidades

Introdução

Este artigo é parte do projeto de extensão “*Fotobiografias: a Fortaleza que se conta em acervos fotográficos pessoais*” desenvolvido pelo Grupo Rastros Urbanos² no Poço da Draga situada na cidade de Fortaleza-CE. O grupo desenvolve diversas atividades voltadas ao estudo das práticas urbanas buscando apresentar diferentes narrativas acerca da cidade através das experiências e trajetórias de seus habitantes. Atualmente o grupo é coordenado pela professora Cristina Maria, que faz parte do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, e pelo professor Tiago Vieira Cavalcante, professor do departamento de Geografia da mesma instituição.

Além do projeto de extensão, o Rastros Urbanos também possui um grupo de estudos que conta com alunos das Ciências Sociais, da Arquitetura, do Urbanismo, da Geografia, etc., evidenciando o caráter interdisciplinar das nossas práticas abordando textos de diversas áreas relacionando-as principalmente com a fotografia e outras artes.

Estudamos a cidade sob a perspectiva de *lugar*, que pode ser entendido também como “lar”, sendo esse um *espaço* que ganha um novo significado por meio do sentimento das pessoas; lugar que não é necessariamente físico podendo ser uma outra pessoa. Muitas

¹Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² O Grupo de Estudo e Pesquisas Rastros Urbanos da Universidade Federal do Ceará é registrado no diretório do CNPq desde de 2011, contando com um projeto de extensão “*Fotobiografias: a Fortaleza que se conta em acervos fotográficos pessoais*” desde 2016. É composto por uma equipe de professores, pesquisadores e alunos de várias instituições e na sua equipe local com membros das ciências sociais, da geografia e colaboradores da arquitetura,

vezes quando perdemos uma ou muitas pessoas, às quais atribuímos um sentimento de pertencimento, o lugar perde seu significado. São lugares íntimos que existem por meio das relações entre os indivíduos que transcendem o local em si, são objetos de nossas memórias não podendo serem guardados como simples objetos. “Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato.” (TUAN, 1983, p. 153). Esses lugares são transitórios e pessoais, gravados no mais profundo da memória.

Todo esse trabalho desenvolvido e voltado ao estudo da cidade junto ao Poço da Draga nos levou a participar de reuniões, eventos e mesas em prol da reivindicação do direito à cidade – uma luta que acompanha essa comunidade há muitos anos e que é reflexo de um conjunto de ações municipais e estaduais que excluem, invisibilizam e segregam uma grande parcela da população fortalezense do seus locais de afeto e pertencimento em favor da especulação imobiliária, das grandes obras e de políticas de higienização da cidade.

Nossa introdução no Poço da Draga aconteceu em 29 de outubro de 2016, quando visitamos o lugar pela primeira vez e fomos recebidos pelo morador Sergio Rocha³ que nos convidou a participar da visita guiada pelo local realizada por ele. Depois disso, conhecemos Ivoneide Goes, que se mostra a cada dia uma guardiã da memória, local, pois preserva em sua casa, inúmeros álbuns fotográficos e muitas narrativas sobre as memórias e os trajetos das pessoas que habitam o Poço da Draga. Temos acesso a esse lugar como “um mundo narrado”, pessoas e coisas compondo narrativas das experiências vividas. Não são pontos fixos, mas caminhos, trajetos e histórias, que vieram e chegaram até nós e estão indo. Outra cidade se desvela para nós, entre álbuns fotográficos e relatos. Lugares que revelam e se abrem a outros lugares. A partir de Ivoneide entramos nesse lugar, visitamos imagens e chegamos às pessoas e aos lugares íntimos do cotidiano do Poço, compartilhamos os conhecimentos de alguns de seus trajetos. Desse modo, percebemos como:

Cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida e de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó. (INGOLD, 2015, p. 219)

³ Sérgio Rocha, ou “Serginho” como é comumente chamado é morador de Poço da Draga e geógrafo, além de atuar fortemente no local, sendo por exemplo professor na ONG Velaumar (ONG que desenvolve diversas atividades voltadas a integração entre os moradores, afirmação da identidade e memória do local tendo em vista a especulação imobiliária que há muitos anos ameaça a permanência deles no local), propagando conhecimento acerca do Poço em palestras além de realizar uma visita guiada pelo local.

Ou sejam as vidas que se desvelam para nós a partir das visitas e dos contatos com as imagens fotográficas, faz-nos perceber que são múltiplas as vidas e as relações que permeiam e que construíram o lugar no qual estamos.

Poço e a Praia de Iracema

O Poço da Draga, situada na orla de Fortaleza, possui uma longa história relacionada profundamente com mar, pois seus primeiros moradores eram pescadores e trabalhadores que vinham do interior do Estado buscando estabelecer residência mais próxima aos seus locais de trabalho. O nome do local vem das *dragas*, embarcações que realizavam a retirada de areias e entulhos do mar visando facilitar a navegação dos barcos.

O Poço atualmente conta com uma população de aproximadamente 1.600 pessoas das quais 77% admitem possuir alguma relação com a praia além de 89% reconhecerem que o local perderia a identidade sem a mesma. Tais dados são provenientes do censo “Um olhar sobre o Poço” realizado por Sergio Rocha com a ajuda de outros moradores do local (ROCHA, 2018).

Essa forte relação com mar se reflete nas fotografias encontradas nos álbuns de família e nas memórias relatadas por muitos moradores. São lembranças como a da Praia do Peixe, antigo nome da atual Praia de Iracema e do hábito muito comum de tomar banho na “piscininha”, área em que se acumulava água parada do mar entre as pedras, e que não existe mais por conta de obras de aterro realizadas pela Prefeitura.



Imagem 01. Acervo do grupo: antiga piscininha

Essa relação está presente também nas histórias de pescadores, sobre sereias avistadas no mar ou da lembrança dos quatro jangadeiros que, em 1941, partiram da Praia do Peixe em direção ao Rio de Janeiro para reivindicar ao então presidente Getúlio Vargas direitos sociais para os jangadeiros do Ceará.

As memórias de quando a região era um importante porto comercial de Fortaleza (primeiro porto da cidade) está presente na relação destes com a antiga Ponte Metálica, hoje chamada de “Ponte Velha”. Era por ela que, nos anos 70 e 80, chegavam as mercadorias através dos navios que eram recebidas por guindastes, e depois disso eram transportadas por trilhos e passavam pela alfândega, atualmente a Caixa Cultural Fortaleza.

Imagem 02. Arquivo Nirez: Ponte Metálica e ao fundo a antiga alfândega de Fortaleza nos anos 80.



Acervo do grupo: Crianças nos anos 90 pulando da antiga ponte metálica

Apesar da forte relação com a Praia de Iracema, situada em sua grande parte em um bairro da cidade de Fortaleza chamando também de Praia de Iracema,

geograficamente o Poço é localizado no Bairro Centro. Entretanto é por meio das narrativas e fotografias que podemos perceber os limites dessas demarcações geográficas.

BEZERRA (2016) reconhece que o bairro Praia de Iracema nasce da antiga Praia do Peixe, entendendo que a transformação desta ocorre por conta da ocupação dela e dos novos usos dados por parte da elite fortalezense. É fácil compreender que essa elite que transformou a praia em um local de lazer e fez com que o bairro ganhasse a alcunha de bucólico e boêmio não iria querer dividir espaço com os pescadores que ali viviam.

Atualmente a Praia de Iracema se constitui em um bairro nobre da cidade de Fortaleza com o 7ª maior IDH da cidade, enquanto o bairro Centro se encontra na 23ª posição⁴ (FORTALEZA, 2010). Ao caminhar pelas ruas do Poço entendemos a separação concreta e simbólica do local da Praia de Iracema: eles não possuem saneamento básico, as ruas são muito estreitas com diversos becos e ainda encontramos casas de madeira, que eram em maior número há pouco tempo.

É então por meio das fotografias e dos relatos que tivemos acesso através dos moradores que podemos compreender essa outra relação com lugar que transcende os limites territoriais imposto por quem constrói e define as chamadas “narrativas oficiais”, percebemos assim o aspecto político que envolve essa narrativa, a busca por separar um grupo social pobre e estigmatizada de um bairro famoso e histórico da cidade, deixando de lado diversos relatos e trajetórias que ressignificam e apresentam uma outra cidade permeada pelos afetos e proximidade com um *lugar*.

Compreendemos então o álbum de família como composto de relatos, sendo ele desta forma não apenas visual, mas também auditivo, trazendo então uma tripla dimensão que é cultural, comunicativa e visual. As fotografias nos possibilitam captar diversos aspectos culturais e históricos presentes nos ritos e momentos familiares, as fotos ganham significados ao serem narradas por aquele que as guarda, os acontecimentos são em sua grande maioria relatados por meio de vozes femininas, as quais são fortemente presentes no Poço da Draga (SILVA, 2008).

⁴ Os 7 maiores IDHs de Fortaleza são na sequência: Meireles (0,953), Aldeota (0,866), Dionísio Torres (0,859), Mucuripe (0,793), Guararapes (0,767), Cocó (0,762) e Praia de Iracema (0,720). O Centro fica na 23ª posição (0,553).

O Poço e a Cidade de Fortaleza

A moradora Ivoneide, uma das principais interlocutoras, nesse projeto, guarda em sua casa um enorme acervo fotográfico onde podemos encontrar fotos de sua família, dos habitantes em suas ações e encontros coletivos e até mesmo do Brasil e do mundo, é o que SILVA (2008) chama de “Família-mundo”. O autor imagina uma integração mundial entre as fotografias proveniente da era digital, entretanto dona Ivoneide, com suas fotografias físicas e recortes de jornais, nos possibilita compreender essa “família-mundo” para além e antes da internet.

Ao nos apresentar as suas fotografias, Ivoneide nos permite adentrar na sua versão da história do Poço. É na sua trajetória ligada as fotos que observamos e escutamos um Poço da Draga permeado pelos afetos de moradores que possuem uma relação de muita proximidade e que se consideram uma grande família. Percebemos isso nos momentos de celebrações que ocorrem muitas vezes nos quintais para comemorar datas importantes, como, por exemplo, o Dia das Mães.

Essa forte relação também está presente na celebração do aniversário do local, um evento que une os moradores que comemoram com orgulho seu pertencimento e suas histórias. O aniversário do Poço ocorre na mesma data da inauguração da Ponte Metálica, é uma data simbólica que se caracteriza como um momento de resistência, e é nesta data que eles relembam, comemoram e mostram os diversos anos que ocupam e resistem no Poço contra uma visão muito generalizada de que eles invadiram aquele local. O Poço da Draga se constitui como uma família que demonstra sua união por meio da resistência frente as diversas ameaças de remoção pelo poder público e que acompanham atentos e vigilantes a construção do aquário de Fortaleza próximo as suas casas.

Quando conhecemos Ivoneide, não imaginávamos o tamanho do seu acervo fotográfico, composto por dezenas de álbuns e centenas de fotografias. Ela é uma das “*guardiãs da memória*”, termo utilizado no bairro para classificar aqueles moradores mais antigos que exercem um papel fundamental propagação da memória do Poço. Essa memória é valorizada por ser entendida como uma forma de luta e é por meio dela que os moradores tomam consciência da importância do lugar onde eles vivem e associam a sua existência, seus afetos e o seu significado como pessoa a esse lugar.

Foi no acervo de Ivoneide que encontramos uma curiosa coleção, ela possui centenas de santinhos de falecimento de moradores do Poço ou de pessoas próximas a ela, uma coleção obtida ao longo de muitos anos de dedicação. Durante horas de

conversas regadas a café e bolo a moradora nos contou um pouco de suas memórias em relação a cada pessoa presente nos santinhos guardados, tivemos acesso a diversas biografias que constataam a existência dos moradores no Poço há muitos anos, havendo diversas gerações de família, trazendo à tona a vida e transformações de um lugar que muda e que é construído cotidianamente pelas práticas e as relações dos seus moradores.

Por isso entendemos essas fotos como “*fotobiografias*”, são imagens que nos convidam a interpretá-las para além de uma simples descrição do que é visto, nelas encontramos narrativas humanas que possibilitam o exercício ilimitado de descoberta e imaginação trazendo à tona “histórias visuais” e memórias. (BRUNO, 2014). A fotografia, é na sua etimologia, de origem grega, *photographein*, a grafia de uma luz, marcar a luz, registrar a luz. A biografia é a grafia de uma vida. Ao associarmos esses dois termos à análise da vida urbana, nós estamos pensando na possibilidade de através desses registros de luz, preservados nesses acervos comuns e cotidianos, podemos pensar em biografias de pessoas, das pessoas que habitam o Poço da Draga, mas também, podemos pensar nas relações e interações entre esse lugar e a cidade, e nas memórias e esquecimentos que latejam nessas narrativas e nesse território.

Outra voz feminina muito forte e conhecida no Poço é a da moradora Iolanda que chegou ao local em 1971, quando tinha apenas 15 anos de idade com seu marido que trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. O objetivo da mudança era ficar mais próximo do local de trabalho do marido. Ela nos conta que naquela época as casas eram todas de madeira, não havia água encanada e os moradores sofriam por causa das enchentes constantes ocasionadas pelas chuvas. Em uma dessas enchentes ela nos contou ter perdido suas fotografias mais antigas, além de outros diversos objetos pessoais, tendo sobrado daquela época apenas os discos de vinil de seu marido.



Acervo do Grupo: Poço da Draga na década de 70.



Acervo do grupo: Alagamento no Poço da Draga no ano de 1980.

Apesar dessa trajetória marcada pela pobreza e dificuldades, dona Iolanda se orgulha do lugar onde mora, onde criou seus filhos e onde é tratada carinhosamente por todos como “Madrinha”, sendo uma das mais importantes guardiãs da memória do local. Ela foi a protagonista do evento “Guardiões da Memória: mapas afetivos do Poço da Draga” organizado pelo Grupo Rastros Urbanos no aniversário de 112 anos do Poço da Draga no dia 27 de Maio deste ano. Durante horas, sentada em sua casa, que estava aberta

a quem quisesse se juntar para escutar, a moradora nos contou a sua versão da história do Poço, uma história marcada pela afetividade, que criou, recriou e traçou uma narrativa única que nos possibilitou entender outras dinâmicas presentes na cidade de Fortaleza, uma cidade plural permeada por lugares íntimos construídos diariamente por seus habitantes.

As nossas idas ao Poço para além de pesquisa se constituem verdadeiramente no que consideramos a extensão universitária, pois saímos da universidade com objetivo não apenas de realizar um trabalho com prazo de validade, mas estabelecer vínculos, amizades e contatos com pessoas permitindo que nossos trabalhos cheguem a elas. É nesses encontros, nessas conversas e nas trocas de experiências que fazemos e exercitamos o nosso conhecimento antropológico e sociológico. Essa proximidade com local tem nos possibilitado criar as nossas próprias narrativas sobre o poço por meio por exemplo das fotografias que tiramos do lugar.

Ao caminhar pelo Poço é fácil observar uma outra Fortaleza escondida entre muros de grandes construções, um ambiente com clima de cidade de interior onde encontramos moradores tanto durante o dia como a noite sentados nas calçadas. Nas ruas observamos mulheres lavando e estendendo roupas, crianças correndo e música tocando, se tivermos sorte poderemos ainda encontrar alguns moradores dançando em suas portas. É uma Fortaleza que não conhecemos. O Poço guarda ainda aspectos de socialização que não encontramos mais em outros bairros da cidade, são sem dúvidas aspectos únicos que não podem ser simplesmente transferidos para outro local. Existe um pertencimento ao local muito forte, seja pelas memórias de seus mortos, pelos trajetos cotidianos dos vivos e a proximidade com áreas estratégicas da cidade, bem como a relação forte de seus habitantes com o mar.

Ao entendermos então esses habitantes e sua luta, somamos esforços nessa luta pelo direito dos moradores de permanecerem no local e que essa permanência seja viabilizada com mais políticas que possibilitem uma melhor qualidade de vida para eles. Seguimos atentos aos projetos da Fortaleza 2040 e a retomada das obras do Aquário da cidade. Diante do cenário político que devemos enfrentar nos próximos anos o Poço resiste e resistimos juntos, juntos aos moradores, as Organizações Não-Governamentais - ONGs, projetos, e pesquisadores que diariamente buscam apresentar para cidade esse lugar ainda desconhecido por grandes partes dos habitantes de Fortaleza.

Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano*, fala-nos em como as enunciações pedestres nos levam a conhecer e reconhecer os códigos de um local. Um bairro, em suas

palavras, é um “pedaço da cidade”, um pedaço que simboliza um dentro e um fora, é uma construção entre o privado e o urbano. “É o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência.” (CERTEAU, 1996, p. 41). Contudo, do Poço da Draga foi retirado o direito de ser bairro, visto que se situa espacialmente em Iracema, e do ponto de vista da gestão urbana é caracterizado como Centro.

Por outro lado, os moradores do Poço também não pensam que são uma comunidade, pois nas palavras de Sérgio Rocha, ele questiona, por que não chamamos comunidade Aldeota, ou comunidade Meirelles? Mas utilizamos esse termo, com tom pejorativo para os grupos que se situam de maneira segregada na cidade? Fica o questionamento sobre as palavras e seus usos e mesmo como nem sempre os territórios carecem de nossas nomeações. As pessoas nesse território de memórias, falam, agem, constroem realidade, talvez o que falte a cidade, aos seus gestores e demais habitantes, seja parar tantos ruídos das obras turísticas e de embelezamento da cidade e ouvir essas vozes, acompanhar essas pessoas em suas vidas e artes de fazer a cidade, e seu direito de nela permanecerem, no território que habitam. Ao visitarmos o Poço da Draga, olharmos seus álbuns fotográficos, defendemos um posicionamento de um “Lembrar-ativo”, ou seja, revisitar memórias para a compreensão e o esclarecimento do passado, mas também do presente, lembrando dos mortos, mas também ativando esses laços em respeito a luta e por atenção aos vivos, como lembra Jeanne Marie Gagnebin. (2006).

A dimensão ética do que fazemos está na compreensão de ouvir o outro, ser testemunha de suas alegrias e suas dores, de suas conquistas e agruras, fazer parte de suas agonísticas de vida. Levar adiante sua narração, não por culpa ou compaixão, mas:

Porque somente a transmissão simbólica (...) somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra histórias, a inventar o presente.
(GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Referências

- ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria Vida”. *Estudos históricos*, n. 21. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 9-34, 1998.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

- BOSI, Ecléa. “Memória da cidade: lembranças paulistanas”, *Estudos Avançados*, v.17, n. 47, p. 198-211, 2003.
- BEZERRA, Roselane. G. *Praia de Iracema*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. 84p.
- BRUNO, Fabiana. Fotobiografias: uma proposta antropológica e estética. *Revista Espaço Acadêmico*. Paraná. v.14, n.163. p.09-20. dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26003>>. Acesso em: 30 de outubro 2018.
- BRUNO, Fabiana. Imagem-escrita nas fotobiografias. In: *Família em imagens*. Bárbara Copque, Clarice Ehlers Peixoto e Gleice Mattos Luz (Orgs). – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013
- CERTEAU, Michel. Práticas de Espaço. Caminhadas pela Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano 1*. Artes de Fazer. 16ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. I. O Bairro; VII. Os Fantasmas da Cidade. *A Invenção do Cotidiano 2*. Morar, Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. – São Paulo: Ed. 34, 2006.
- INGOLD, Tim. Parte IV. Um Mundo Narrado. Capítulo 12 Contra o Espaço: lugar, movimento, conhecimento. In: *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. – Petrópolis- RJ: Vozes, 2015. – (Coleção Antropologia).
- ROCHA, Sérgio. Um Olhar Sobre o Poço. *Revista Dragão do Mar*, Fortaleza, v.01, p.58-61, jan./fev./mar. 2018.
- FORTALEZA. Desenvolvimento Humano, por Bairro, em Fortaleza. Fortaleza, CE, 2010. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>>. Acesso em: 30 de outubro 2018.
- SILVA, Armando. *Álbuns de Família: a imagem de nós mesmos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- _____. *Imaginários Urbanos*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001.
- TUAN, Yi Fu; OLIVEIRA, Livia de. Experiências Íntimas com Lugar. In: *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, SP: Difel, 1983. 250p.